



A Linguagem Midiática como Prática Social na Construção de Narrativas: Uma Proposta Pedagógica¹

Roberta Roos Thier²

Docente da UNIPAMPA – Universidade Federal do Pampa – Campus São Borja

Resumo

Cada meio possui características próprias que os estruturam, a começar pela linguagem empregada em cada um que produz narrativas diversas. As ferramentas de comunicação poderiam utilizar sua influência de transmissores culturais também nas instituições de ensino, explorando conteúdos de forma criativa e interessante, atingindo assim as diferentes capacidades. O presente artigo pretende analisar e discutir a qualidade de absorção de conteúdos oferecidos através dos meios de comunicação e suas linguagens específicas, por portadores de deficiência visual e por pessoas que não têm acesso a materiais impressos. O contato com esses conteúdos será identificado principalmente através do rádio, em um projeto específico de livro falado, que incentiva o alcance tanto no âmbito comunitário como no de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Meios de comunicação; educação; linguagens; audiobook.

Introdução

Os meios de comunicação propiciam experiências diferenciadas na educação, relevantes para transformar o tradicional ambiente acadêmico. A formação de cidadãos mais autônomos e participativos pode ser atribuída à diversa possibilidade que os meios comunicacionais oferecem ao trabalho pedagógico.

O presente artigo “A linguagem midiática como prática social na construção de narrativas: uma proposta pedagógica” surge, então, para discutir o atendimento de duas demandas principais:

¹ Trabalho a ser apresentado na Divisão Temática: Interfaces Comunicacionais (DT 06) do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 17 a 19 de maio de 2010.

² Graduada em Comunicação Social – Jornalismo e Radialismo e Televisão; Mestre em Educação pela Universidade de Passo Fundo. Atualmente é professora nos cursos de Comunicação Social: Jornalismo e Publicidade e Propaganda da UNIPAMPA - Universidade Federal do Pampa. E-mail: betaroos@hotmail.com



- 1) A organização de momentos de leitura para alunos portadores de deficiência visual, resgatando a palavra escrita através do som, com o objetivo de promover sua integração à vida social;
- 2) Exercitar as ferramentas de comunicação e suas linguagens específicas na construção de narrativas inclusivas para fortalecer a aprendizagem.

A avaliação dessa proposta está baseada no Projeto de extensão “Audiobook, ferramenta de inclusão” da Universidade Federal do Pampa. As atividades deste projeto incluem ações que auxiliam o aprendizado de alunos com dificuldades e outros com deficiência visual. Textos acadêmicos e literários impressos são transformados na linguagem específica radiofônica.

Diante disso, pretende-se analisar as influências dos meios de comunicação eletrônicos como suportes de texto alternativos para auxiliar no processo de aprendizagem de alunos com deficiência visual ou de estudantes com dificuldades e de pessoas que por algum motivo não têm acesso a conteúdos impressos. Os níveis de aprendizagem referentes à formação qualificada tanto acadêmica quanto docente são avaliados através das diferentes formas de linguagens e da maneira com que são compreendidas pelos processos educativos estabelecidos em diversos espaços e tempos. Além disso, analisa-se a eficiência dessas formas de linguagem na aprendizagem quando consideradas instrumentos de transformação de educandos e professores.

Comunicando Educação

Um fator essencial para o progresso do ser humano é a cidadania, ou seja, fazer-se sujeito da sua própria história e, conseqüentemente, da história coletiva. Mas esta condição depende de fatores educacionais, organizacionais, informativos e comunicativos. Tais fatores são parte integrante de todo processo de aprendizagem do cidadão. Sendo assim, no que se refere à aprendizagem, para ser efetivada, necessita relacionar-se aos conhecimentos do educando e ao seu futuro cotidiano profissional. Nesse sentido, discute-se a necessidade de respeito ao contexto social dos estudantes e a preocupação em desenvolver suas capacidades, respeitando as diferentes inteligências que orientam as ações do indivíduo, através de estratégias diferenciadas de ensino-aprendizagem. O mundo contemporâneo inserido na teia multimídia por onde convivem



todos os indivíduos que desejam pertencer a um grupo social, precisa estar em constante atualização em relação à informação, entretenimento, lazer e cultura através de diferentes suportes. Grande parte desses textos/discursos são acessíveis apenas para as pessoas que dispõem dos sentidos perfeitos. Aqueles que não conseguem usufruir destes benefícios em virtude de uma demanda econômica ou física, como é o caso, por exemplo, dos cegos ou das pessoas com baixa visibilidade, que ficam em algumas ocasiões, defasados, quanto à renovação cotidiana, intelectual e profissional. A exclusão, nesse sentido, abrange a vida em sociedade, pois esses possuem acesso apenas ao mínimo de informação. Essas questões se ampliam quando nos referimos ao ensino superior e ao acesso das pessoas com deficiência, ou melhor, a permanência delas devido as suas condições de acompanhamento. Dentro da perspectiva de que as instituições de ensino precisam atender as diferentes capacidades, oferecendo condições de aprendizagem para todos os estudantes propõem-se a análise dessa situação cada vez mais recorrente em universidades. Quando o professor do ensino superior se depara com a situação de dividir a sala de aula com estudantes que possuem todos os sentidos e com um ou mais alunos com algum tipo de deficiência, neste caso, a visual, os conceitos mudam e precisam ser reestruturados para que ocorra um aprendizado significativo. Essa situação motivou o desenvolvimento do projeto Audiobook, ferramenta de inclusão, e a verificação da qualidade desta e de outras práticas de ensino que visam atender as diferentes capacidades é a proposta do presente artigo.

Busca-se, portanto, verificar a aprendizagem através da eficiência de métodos comunicacionais, avaliando também as habilidades docentes na proposição de inovações pedagógicas. Além disso, pretende-se contribuir com o desenvolvimento de acadêmicos que serão envolvidos na prática de produção e gravação em áudio de textos de diversos gêneros, na tentativa de formar cidadãos capazes de repensar o papel desempenhado pelos meios de comunicação na sociedade assim como seus próprios fazeres no que se refere a função social.

A famosa afirmação de McLuhan, “o meio é a mensagem” (1964, p.23), destaca que é o meio que controla a intensidade e a forma das ações e relações humanas. Cada meio atua com um tipo de influência sobre o modo como funciona o pensamento das pessoas individualmente, independente do conteúdo que é veiculado. Assim, os modos de informar e perceber cada veículo se diferencia através dos pontos fracos e fortes de



cada um. Com essa diversidade, há uma tendência multimidiática como uma forma eficaz de ensino. Além disso, é uma forma de tornar a educação mais democrática, garantindo o acesso ao processo educacional para um número maior de pessoas, as quais terão um aumento do nível médio de conhecimento.

Até há pouco tempo, os materiais em áudio e vídeo ainda estavam longe do alcance da maioria das pessoas, devido aos custos e à complexidade técnica. Hoje, as tecnologias estão mais acessíveis, possibilitando a interação do indivíduo com os meios tecnológicos precocemente.

O crescimento das novas tecnologias de comunicação vem sendo, durante as duas últimas décadas, observado e experimentado. Aos poucos, foi se tornando palpável, principalmente através da relação com os meios de comunicação convencionais. Era possível falar dos meios, como um universo autônomo e fechado em relação ao resto da comunicação, mas hoje isso não é mais possível devido à revolução digital, que mistura os universos do som, da imagem, do texto. Refletindo sobre essas questões, Sancho (1998, p. 30), retomando idéias de Shallis (1984) diz: “O prolongamento dos sentidos e das habilidades naturais do ser humano pelo desenvolvimento de instrumentos, técnicas e meios de comunicação, tem alterado radicalmente a natureza e a atitude do ser humano diante dela”.

Nesse sentido, os projetos de ensino que buscam a formação integral do ser humano serão efetivamente consistentes se propuserem, também, a qualificação tecnológica e científica dos estudantes, sem esquecer, no entanto, de fazê-los progredir na sabedoria. Essa proposta de diversificar o processo de ensino transforma os indivíduos, que recebem uma nova forma de transmissão do saber. Nessas circunstâncias, a aprendizagem torna-se mais estimulante e eficaz.

Cada meio atua com uma linguagem própria e de forma específica sobre quem recebe, produzindo, por isso, um efeito próprio e um comportamento específico. As atitudes dos ouvintes são influenciadas pela determinação dos assuntos, que devem ser estruturados a partir de conhecimentos dos destinatários e da sistematização da nova informação. “Numa sociedade interdependente, na qual a informação transmitida globalmente por uma tecnologia sofisticada e cada vez mais abrangente adquire caráter estruturante, aumenta a importância da educação” (LITWIN, 1997, p. 39).



Processos midiáticos e educativos são citados por Azevêdo (2006) como fatores que dependem de trocas sociais, experiências e construção de identidades, para que possam atuar como espaços apropriados para o desenvolvimento da aprendizagem. Destaca-se também, sobre isso, que:

os instrumentos permitem atuar sobre o ambiente. Ampliando o alcance dos sentidos e da ação. Ao mesmo tempo, o próprio uso das ferramentas que vai desenvolvendo influi nos modos de raciocinar, atuar, perceber e pensar o mundo a si mesmo. (VYGOTSKY, 1988. BRUNER, 1987. MACLUHAN, 1989; apud LITWIN, p.40).

Os conteúdos e as formas de apresentação precisam atrair a atenção do ouvinte, a ponto de não permitir que haja distrações. Para isso, é preciso que exista a união entre o conteúdo da mensagem transmitida e da voz que a expressa. Conforme enfatiza Litwin:

Os diferentes gêneros literários permitem maneiras variadas de veicular o conteúdo. As características da voz, sua textura, as formas de entonação, o tom da voz, o sotaque, a ênfase, a rapidez, o humor, a ironia, a exclamação, a segurança, a preocupação, a solenidade, etc., reforçam o conteúdo da mensagem e orientam para conseguir uma compreensão suficientemente rápida e correta. Música e efeitos especiais completam a ‘cenografia do rádio’ e acompanham a voz humana de diferentes maneiras (1997, p. 48).

As ações educativas desenvolvidas pelas instituições trazem consigo teorias e didáticas diversas, gestadas em diferentes realidades, muitas das quais resistem ao tempo e às mudanças sociais, gerando práticas pedagógicas descontextualizadas. Entende-se que os espaços de ensino necessitam rever seus conceitos e metodologias, a fim de acompanhar os avanços da sociedade em que está inserida.

Nesse sentido, as estratégias de ensino que resultam em aprendizagem real começam pelo perfil do professor. Dependem dele as formas educacionais adequadas destinadas para os alunos. Sua ação pedagógica reflete seu lugar teórico que, em geral,



compreende duas possibilidades: tradicional ou inovador. Sobre isso, assim pensam Bordenave e Pereira:

O professor tradicional é um homem feliz: não tem o problema de escolher entre as várias atividades possíveis para ensinar um assunto. Como para ele a única atividade válida é a exposição oral ou preleção, não perde tempo procurando alternativas. Para o professor moderno, entretanto, a escolha adequada das atividades de ensino é uma etapa importante de sua profissão (1997, p. 121).

Nesse contexto, os educadores que reconhecem a necessidade de inovações e modificam os métodos de ensinar se deparam, muitas vezes, com a resistência de colegas de profissão, que insistem em carregar consigo os velhos métodos de ensino. Estes não sentem a necessidade de mudar o que vem sendo ensinado da mesma forma, por muitos anos. No entanto, a resistência dos professores não é o único empecilho para a instalação de novas tecnologias educativas, como sustentam Bordenave e Pereira:

O professor que deseja adotar uma inovação didática importante freqüentemente é impedido ou pelo menos dificultado pela falta geral de condições em sua própria instituição. Ou o professor é mal pago; ou tem um número excessivo de alunos; ou os horários de aula são rígidos; ou não há equipamentos nem materiais adequados, ou os procedimentos burocráticos para obtê-los são lentos e complicados (1997, p. 304).

Conter e enviar mensagens, essa é a concepção mais comum de mídia, mas esta noção de condutores aponta para a necessidade de alfabetização deste conteúdo, numa gramática midiática, como sugere Meyrowitz (2001), sendo necessário entender o significado das variáveis de produção dentro de cada meio. Diante disso, diferentes formas de pensar sobre a mídia remetem a várias concepções, também em relação às competências, ou seja, sobre o que pode ser desejável para o educando. Portanto, estar alfabetizado midiaticamente, de acordo com Meyrowitz (2001), envolve ser capaz de acessar e analisar mensagens numa variedade de mídia.



Isto inclui estar capacitado a decodificar e decifrar a intenção manifesta da mensagem; explorar as mensagens latentes intencionais ou não; estar consciente de diferentes gêneros de conteúdos; estar consciente das forças culturais, institucionais e comerciais que tendem a levar certos tipos de mensagens enquanto outras são evitadas; e entender que diferentes indivíduos e grupos tendem a “ler” os mesmos “textos” diferentemente. (MEYROWITZ, 2001, p. 89)

Portanto, qualquer concepção de alfabetização midiática exige interpretação, saber acessar e avaliar os conteúdos, o que envolve a compreensão das variáveis de produção que existem em cada veículo. Sendo, também, capaz de manipular de forma eficiente estas variáveis, e “compreendendo as forças culturais e institucionais que tendem encorajar alguns usos gramaticais em vez de outros, reconhecendo que as respostas às variáveis de produção podem mudar individualmente e culturalmente” (MEYROWITZ, 2001, p. 91).

O projeto pedagógico de escolas e instituições de ensino é viabilizado por meio de uma prática que tenha como princípio o desenvolvimento da aprendizagem de todos os educandos, inclusive daqueles que apresentem necessidades educacionais especiais. Portanto, “a educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” É isso que o Artigo 2º. da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN (BRASIL, 2001) garante ao tratar dos princípios e fins da educação brasileira.

A prática da inclusão é uma tentativa de beneficiar alunos com ou sem deficiência, através do aperfeiçoamento da educação.

A terminologia chamada educação inclusiva foi empregada inicialmente nos Estados Unidos, em 1975, com a Lei nº 94.142, definida como meio de se reivindicar do Estado a compensação para déficits funcionais, independente de suas causas, buscando dar um direcionamento para a formação de uma sociedade justa e igualitária” (SELAU, 2007, p.24)

Ainda segundo o autor, a inclusão se trata de unir pessoas com deficiências educativas especiais com as pessoas “normais” e prima por um envolvimento efetivo



entre elas. Selau afirma também que, segundo Vygotsky (1997), podemos verificar que “num modelo de educação conjunta beneficiam-se também aqueles considerados normais, e também é necessário que exista a tarefa de reeducar os normais para o convívio com as pessoas com necessidades”. (2007, p.33)

A inadequação de métodos no ensino tradicional e a execução individualista de tarefas de aprendizagem dificultam as mudanças sugeridas pelo ensino inclusivo. Muitas vezes, as dificuldades não se tratam de um “problema de aprendizagem, mas de ensinagem” (KASSAR, 2004, p. 55). Diante disso, propõem-se um estudo sobre as diversas linguagens midiáticas utilizadas como práticas sociais na tentativa de atingir diferentes capacidades. A tecnologia de informação tem propiciado aos meios de comunicação a ação enquanto suportes inovadores de aprendizagem. Dentro desta perspectiva, destaca-se as atividades do projeto Audiobook, ferramenta de inclusão, da Universidade Federal do Pampa realizado pelos cursos de Publicidade e Propaganda e Jornalismo. Este recurso de informação é produzido com a intenção de proporcionar aos estudantes com deficiência visual ou com dificuldades de aprendizado o acesso aos conteúdos. Textos de gêneros literários e acadêmicos são gravados de forma descritiva em áudio, transformando a palavra escrita de materiais impressos em uma linguagem objetiva, simples e criativa, característica do rádio e capazes de aproximar do universo acadêmico estudantes com limitações.

Atualmente pessoas com dificuldades ou deficiências interagem com a sociedade de várias formas, principalmente através da utilização das tecnologias de informação, como impressão em braille, celulares, softwares de computador e também o audiolivro. Essas ações participativas promovem a inclusão social do indivíduo. A prática do audiolivro ou livro falado no Brasil começou em 1970, principalmente para atender deficientes visuais. Há também muitos sites específicos que vendem materiais gravados e atingem um pequeno público. A proposta apresentada neste trabalho é diferenciada na medida que pretende estudar as linguagens empregadas pelos meios e de que forma essas narrativas se projetam para a inclusão, apontando uma prática de audiolivro específica como exemplo. Além disso, pretende-se avaliar o trabalho docente na elaboração desta prática, o envolvimento dos estudantes na produção do material que é um estímulo à consciência cidadã e também a identificação da importância desta ação



na formação do deficiente visual ou de pessoas que não tem acesso à materiais impressos.

A informação é, numa definição empírica mínima, a transmissão de um saber, com a ajuda de uma determinada linguagem, por alguém que o possui a alguém que se presume não possuí-lo. Assim se produziria um ato de transmissão que faria com que o indivíduo passasse de um estado de ignorância a um estado de saber, que o tiraria do desconhecido para mergulhá-lo no conhecido. (CHARAUDEAU, 2006, p.33).

A linguagem produzida em áudio exige uma série de técnicas para que o entendimento seja instantâneo e provoque a imaginação. Para Prado (1989, p.18) a falta de percepção visual lança um novo ponto positivo que seria a capacidade de sugestão, onde cada um cria mentalmente a imagem visual transmitida pela imagem acústica. Desta forma, a linguagem auxilia os deficientes visuais nas percepções de mundo e na interação e integração deles com o meio social. A produção em áudio, para Mcleish, funciona bem no mundo das idéias, promovendo conceitos e fatos “seja ilustrando dramaticamente um evento histórico, seja acompanhando o pensamento político atual, serve para veicular qualquer assunto que possa ser discutido, conduzindo o ouvinte, num ritmo predeterminado, por um conjunto de informações” (2001, p.19). A capacidade de gerar sensibilidade e confiança está relacionada a características específicas que o meio possui, sobre isso Mcleish destaca:

Trata-se de um meio cego, mas que pode estimular a imaginação, de modo que logo ao ouvir a voz do locutor o ouvinte tente visualizar o que ouve, criando na mente a figura do dono da voz” E “ao contrário da televisão, em que as imagens são limitadas pelo tamanho da tela, as imagens do rádio são do tamanho que você quiser. (2001, p.15)

Novas tendências como as tecnológicas informacionais, causaram mudanças e por isso geraram preconceitos. Mas, conseguiram proporcionar a melhoria da convivência social, sem distinção de raça, sexo, posição social, ser portador de deficiência ou não. A tecnologia utilizada dentro de um contexto que respeite as diferentes linguagens permite que cada necessidade humana seja atendida compartilhando saberes e unindo pessoas.



A análise prática dos processos de produção e recepção, referentes à utilização de audiolivro, inclui a descrição do aprendizado dos estudantes envolvidos na produção, quanto a formação de uma consciência cidadã relacionada a responsabilidade desses futuros profissionais e a utilização dos meios de comunicação; as habilidades e os resultados obtidos pelos docentes que precisam atender as diferentes capacidades; e também a absorção da linguagem falada por deficientes visuais ou por qualquer pessoa que não tem acesso aos materiais impressos.

Considerações Finais

Uma das condições de integração ao mundo contemporâneo é utilizar e entender as tecnologias da comunicação e da informação, em todos os aspectos de desenvolvimento do estudante. A socialização de conhecimentos gera um vínculo entre professor e aluno, ainda mais quando o conteúdo consegue ser trabalhado de forma diferente, atraindo a atenção e conseguindo maiores resultados no aprendizado. O rádio, assim como a televisão, a internet e o jornal são ferramentas comunicacionais com linguagens específicas e com a capacidade de atingir sentidos diversos, promovendo o atendimento das diferentes capacidades e deficiências. Além disso, para o acadêmico o aprendizado se torna mais facilitado quando encontra no ensino o vínculo com o contexto social.

A utilização das ferramentas de comunicação e suas diferentes narrativas como instrumentos de inclusão, são possíveis através do desdobramento de técnicas comunicativas e do desenvolvimento de habilidades e até mesmo sensibilização dos professores de entrar em contato com essas linguagens e oportunizar o ensino de qualidade para todos os alunos. Ações acadêmicas como o Audiobook, conseguem integrar os estudantes com as questões de acessibilidade e inclusão social, além de preparar os futuros profissionais para serem construtores de narrativas destinadas para mídia inclusiva. O contato com os meios, suas linguagens específicas e seus usos sociais incentiva a produção consciente e cidadã, promovendo o acesso de conteúdos acadêmicos para todos os alunos.



Referências Bibliográficas

AZEVÊDO, Sandra Raquew dos Santos. *Mediações entre estudos culturais e comunicação: uma mirada conceitual*. INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Trabalho apresentado no Núcleo de Comunicação Educativa, XXVI Congresso Anual em Ciências da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro, 2003. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/congresso/2003/pdf/2003_NP11_azevedo_sandra.pdf> Acesso em: 21 de dezembro, 2006.

BORDENAVE, Juan Diaz; PEREIRA, Adair Martins. *Estratégias de ensino-aprendizagem*. 17.ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes Nacionais para a educação especial na educação básica* / Secretaria de Educação Especial – MEC; SEESP, 2001.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

KASSAR, Mônica de Carvalho Magalhães. Matrículas de crianças com necessidades educacionais especiais na rede de ensino regular: do que e de quem se fala? In: GOES, Maria Cecília Rafael de; LAPLANE, Adriana Lia Frizman de (orgs.). *Políticas e práticas de educação inclusiva*. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2004.

LITWIN, Edith. *Tecnologia educacional: políticas, histórias e propostas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MCLEISH, Robert. **Produção de rádio: um guia abrangente de produção radiofônica**. São Paulo: Summus, 2001.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Trad. Décio Pignatari. São Paulo: Editora Cultrix, 1964.

MEYROWITZ, Joshua. As múltiplas alfabetizações midiáticas. *Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia*, Porto Alegre, n.15, p.88 – 100, ago.2001.

PRADO, Emilio. **Estrutura da informação radiofônica**. São Paulo: Summus, 1989.

SANCHO, Maria Juana. *Para uma tecnologia educacional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SELAU, Bento. **Inclusão na sala de aula**. Porto Alegre: Evangraf Ltda, 2007.

VYGOTSKY, L.S. *Obras escogidas V: Fundamentos de Defectologia*. Madrid: Visor, 1997.